

GAGLIARDI, Mauro. “In memoria di me”: Il sacerdote fa l’Eucaristia e l’Eucaristia fa il sacerdote. Siena: Cantagalli, 2012, 215p. ISBN: 978-88-8272-799-4.

Com esta publicação, cujo título se inspira nas próprias palavras de Cristo, o sacerdote diocesano Mauro Gagliardi dá a lume um excelente livro sobre a Eucaristia como centro da vida e do ministério dos presbíteros.

O Autor é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, além de possuir uma láurea quadrienal em Filosofia pela Universidade L’Orientale de Nápoles. Desde 2008 é consultor do Ofício da Celebração Litúrgica do Sumo Pontífice e, desde 2010, da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Atualmente é docente ordinário da Faculdade de Teologia do Ateneu Pontifício Regina Apostolorum.

O livro possui nove capítulos, divididos em duas seções.

A obra é prefaciada pelo Cardinal Antonio Cañizares Llovera, na época Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Nessas páginas iniciais encontra-se a chave para a leitura da obra.

Os títulos contidos na obra são tão eloquentes que os transcreveremos progressivamente, em itálico, à medida que sejam tecidos os comentários.

O pastor: o sacerdote, homem da caridade eclesial. Nesta parte, desperta a atenção um peculiar aspecto: antes de adentrar ao corpo de cada capítu-

lo, o Autor apresenta citações da Sagrada Escritura para ressaltar a direção e a finalidade de sua argumentação. Portanto, apresenta o sacerdote como homem da caridade eclesial, conforme as próprias palavras de Jesus: “Eu Sou o Bom Pastor” (Jo 10, 7-18). Comenta Gagliardi: “A celebração eucarística é o supremo ato de amor do sacerdote por seu rebanho” (p. 26). O ministro deve, pois, amar as almas que Deus lhe confiou, e como pastor necessita vigiar e defendê-las do lobo e do ladrão (p. 28).

O médico: o sacerdote, homem da purificação eclesial. Aqui se revela como a Eucaristia “faz” o sacerdote. Meditando os outros oito capítulos, sobre as partes que compõem a Santa Missa, o Autor acertadamente demonstra que o sacerdote é antes de tudo médico. Liturgicamente encontramos a razão logo no início da celebração, quando se pede perdão a Deus pelos próprios pecados. Assim, “faz parte da lição de humildade do ato penitencial da Missa recordar ao sacerdote que ele, por primeiro, precisa da medicina de Cristo para sanar sua própria enfermidade” (p. 44). Por isso, o ministro de Deus torna-se médico da alma e do corpo, pois é chamado a sanar os fiéis com o remédio da própria palavra de Cristo. Cura-se a si mesmo para então curar o seu rebanho.

O mediador: o sacerdote, ponte entre Deus e o homem. Ressalta-se aqui a configuração de cada sacerdote com Cristo (*alter Christus*): “Na Missa, o sacerdote fala em nome de Deus ao povo, e o povo responde ao Senhor através do sacerdote [...], que torna possível o contato santificante da criatura com o Criador” (p. 63). Por esta razão, a dignidade sacerdotal exige que o ministro seja dócil nas mãos daquele que é O Mediador, despojando-se progressivamente do homem velho para, a seguir, se revestir do Homem Novo, isto é, Cristo (p. 66). Por uma íntima união com Deus, o sacerdote não só deve celebrar com fé e devoção, mas também seu próprio estilo de vida deve ser condizente com seu estado clerical, conforme o célebre provérbio: “*Age quod agis*” (p. 67).

O Mestre: o sacerdote, pregador da verdade. Após comentar os Ritos Iniciais, Gagliardi se dedica à Liturgia da Palavra: “Nesta fase da Missa se lê a Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento. Somente pode ser lida a Palavra de Deus escrita, sendo excluída não só a leitura de outros autores alheios ao Cristianismo, mas inclusive as de grande valor, como, por exemplo, a dos Padres ou dos Doutores aprovados. Neste momento somente Deus é que deve falar” (p. 78).

Gagliardi realça, ademais, que é uma dignidade do sacerdote ser arauto do Evangelho no interior da Liturgia. “É dele o encargo, o dever e a responsabilidade de dizer a Palavra de Deus

ao homem” (p. 79). Portanto, enquanto mestre, deve explicar, dar o verdadeiro significado e direcionar a assembleia ao bom caminho, sobretudo através de uma homilia bem preparada e refletida (p. 86).

O pai: o sacerdote, orientador dos corações. Para que o sacerdote possa convenientemente orientar os corações, ele mesmo deve ter o seu coração apontado para o Senhor. O sacerdote deve seguir o que prega: “Retorna novamente aquele dito *nemo dat quod non habet* [...]. Assim, um sacerdote que não é um pai espiritual, não pode ser, ao menos em via ordinária, um bom pai espiritual para a alma” (p. 114). Segundo o Autor, o atributo de “pai” está intimamente ligado ao rito do ofertório, por meio do qual o sacerdote oferece o alimento para nutrição espiritual das almas.

O expiador: o sacerdote, homem da cruz. Após comentar o ofertório, o Autor se dedica a analisar o auge da celebração, isto é, a Liturgia Eucarística, cuja preparação é feita pela Liturgia da Palavra (p. 124). Neste capítulo, Gagliardi demonstra elevado conhecimento da teologia eucarística, fundamentando suas reflexões no Concílio de Trento, nas encíclicas do Concílio Vaticano II (em particular, *Mysterium fidei* e *Sacrossanctum Concilium*) e em outros documentos do Magistério, alternados com explicações dos Padres e Doutores da Igreja, tais como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino.

Cumprir notar que a dignidade sacerdotal é especialmente ressaltada no momento da consagração eucarística, durante a qual o sacerdote sofre verdadeiramente com Cristo: “O Sacrifício do Senhor é um estado de união de fato e de intenção, feito de amor” (p. 142).

O edificador: o sacerdote, homem de comunhão. O sacerdote edifica a comunidade na qual é ministro. Isso ocorre sobretudo por meio da oração, cujo exemplo é dado por Jesus através da recitação do Pai Nosso (Mt 6, 9-13). Ora, “se Deus é Pai, a paternidade é uma grande e bela coisa. O sacerdote deve pregar e encarnar tal paternidade...” (p. 157). Em seguida, Gagliardi explica detalhadamente o significado de cada trecho desta oração *princeps*. Por fim, enfatiza mais uma vez o caráter edificador do sacerdote: “Na nossa vida sacerdotal, somos chamados a edificar a Igreja na comunhão; [...] devemos edificar a Igreja e não um círculo restrito de amigos por nós escolhidos” (p. 173).

Adorador: o sacerdote, homem que vive na presença de Deus. O penúltimo capítulo é dedicado ao momento da comunhão. “Se a Consagração Eucarística é o ápice de toda a Santa Missa [...], a Comunhão sacramental do Corpo e Sangue de Cristo é o momento de maior intimidade entre a alma e seu Deus” (p. 178). Aqui se encontra uma profunda meditação e contemplação acerca da dignidade sacerdotal. Nas próprias palavras do Autor: “Eis o momento sagrado!” (p. 181). Gagliardi recorda também

que para a recepção da Sagrada Comunhão se faz necessária uma preparação. Contudo, “a preparação imediata, embora importantíssima, não é suficiente se não há uma preparação remota” (p. 184). Segundo Santo Agostinho, pecaria aquele que antes de comungar não adora as Sagradas Espécies (p. 184).

Em seguida, Gagliardi dedica mais de dez páginas para explicar o modo adequado de receber Jesus Sacramentado (p. 185-196). Ressalta a necessidade do silêncio, da meditação assídua sobre as palavras da Sagrada Escritura e da oração, acompanhados de uma constante veneração e atenção às espécies consagradas.

O missionário: o sacerdote, sinal e instrumento do amor de Deus para os homens. O nono e último capítulo apresenta o sacerdote como missionário. O teólogo italiano comenta os ritos finais, a oração e a bênção aos fiéis, extraindo princípios e lições de vida espiritual e pastoral. A bênção final ressalta que o celebrante atua *in persona Christi* do início ao fim da Santa Missa. Já a despedida (“*ite, missa est*”) indica que a prece foi enviada aos céus. Não obstante, também simboliza e exorta os fiéis à missão e a transmitir com o exemplo de vida diária, o que se nutriu na celebração. Por fim, conclui comentando que o presbítero somente é missionário se é configurado com Cristo. Uma das missões essenciais dos padres é anunciar o Evangelho constantemente por mais que passem por dificuldades. Nesse sentido, encer-

ra o capítulo com as palavras do Salvador: “No mundo tereis tribulações, mas tende coragem, Eu venci o Mundo!” (Jo 6, 33).

A leitura deste livro será certamente muito profícua para os sacerdotes, mas também para os que desejam enriquecer a vida de piedade, a prática da devoção

Eucarística, ou simplesmente para saber servir melhor a Igreja.

Rodrigo Alonso Solera Lacayo, EP
(Professor – ITTA, com a colaboração de Marcus Vinícius de Oliveira Rosa)

MATTER, E. Ann; SMITH, Lesley (ed.). *From Knowledge to Beatitude: St Victor, Twelfth-Century Scholars, and Beyond. Essays in Honor of Grover A. Zinn, Jr. Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 2013, xxiii+471p. ISBN: 978-0-268-03528-0.*

From Knowledge to Beatitude é uma obra essencial para quem deseja conhecer a teologia mística do século XII, e em particular a escola de St. Victor. Lançado em 2013 pela Universidade de Notre Dame, Indiana, o volume é dedicado, como o próprio título indica, a Grover A. Zinn Jr., professor emérito da Universidade de Duke (EUA), especialista renomado da escola victorina. Com efeito, tem desempenhado um papel fundamental na promoção da cultura intelectual e religiosa da abadia de São Victor. Este volume em sua homenagem reúne uma gama distinta de colaboradores, muitos dos quais se dedicam a autores victorinos. O volume contém dezessete ensaios, uma lista de publicações selecionadas por Grover Zinn Jr., uma bibliografia, lista de colaboradores e índice. Entre os autores dos artigos encontramos nomes relacionados ao estudo medieval como

Barbara Newman, especialista em S. Hildegarda, Marcia Colish, Rachel Fulton Brown, Dominique Poirel, Dale M. Coulter e Boyd Taylor Coolman, que lançou em 2010 o reputado *The Theology of Hugh of St. Victor: An Interpretation*.

Como o próprio título da obra indica, este *Festschrift* procura aprofundar algo do antigo veio de sapiencialidade — a *sequela Christi* — e seu carácter inédito no século XII. De fato, o maior expoente da escola victorina, Hugo de St. Victor, afirma que o fim de toda a filosofia é o conhecimento do bem supremo, isto é, d’Aquele que criou todas as coisas (“*finis enim omnis philosophiae agnitio est summi boni, quod in solo rerum omnium factore situm est*”). Por isso, o título da presente obra “do conhecimento à bem-aventurança” dá a conhecer o processo de aperfeiçoamento humano protagonizado pela escola victorina,